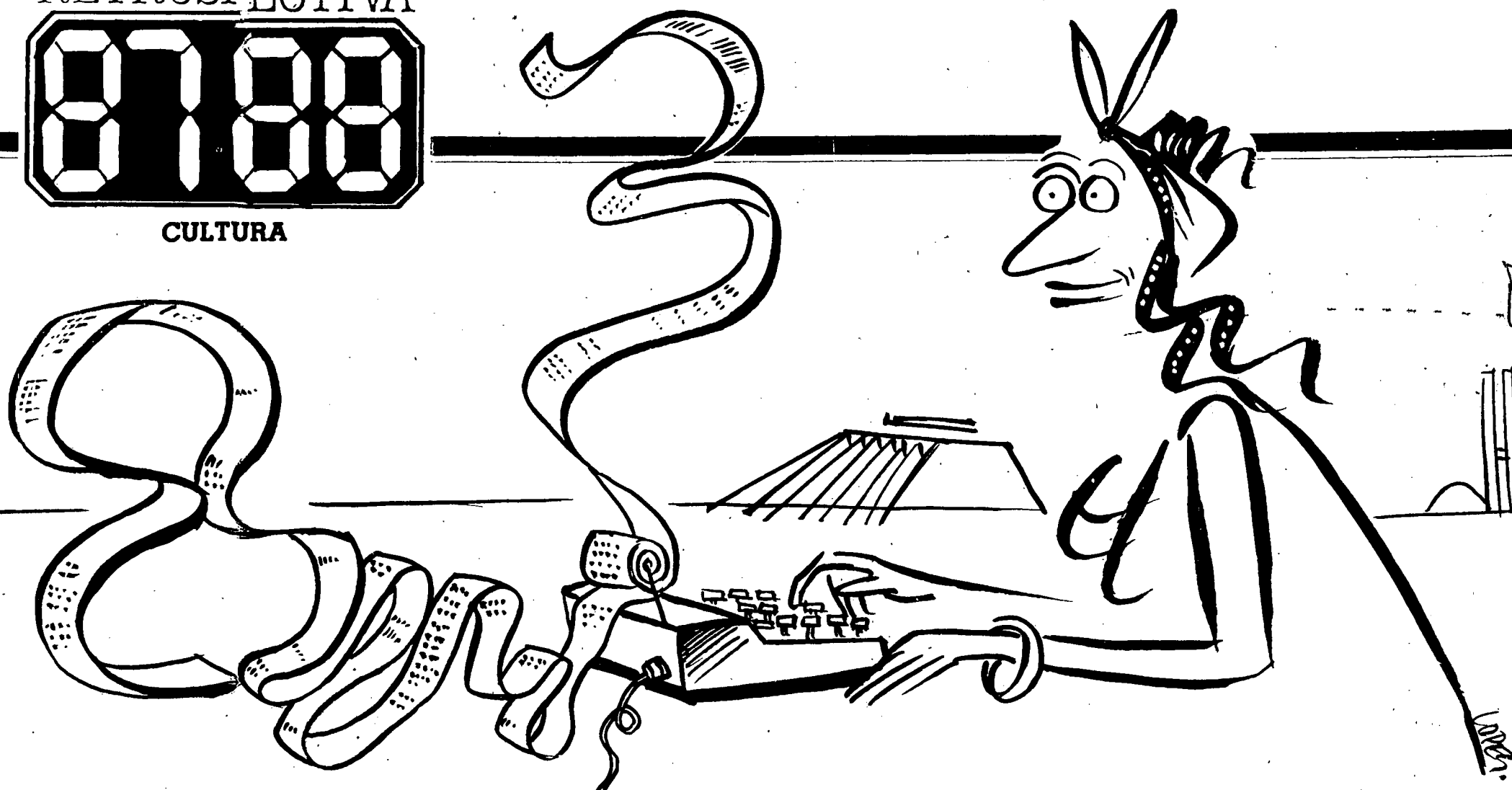


CULTURA



Os números que faltam à cultura

Com a ajuda da numerologia, descubra o caráter do diretor da Fundação Cultural, do secretário de cultura e de Brasília. Veja se eles dão certo juntos.

ALEXANDRE RIBONDI*
Da Editoria de Cultura

Em um país em que nenhuma análise ou previsão política consegue dar muito certo, porque cada dia é uma verdadeira surpresa e um susto derradeiro, a numerologia pode ser um dos melhores caminhos para, por exemplo, ficarmos sabendo o que vai acontecer à cidade de Brasília e sua cultura em 1988. Isto porque, segundo a numeróloga Jean Simpson, com os algarismos de 1 a 9 é possível saber tudo sobre a personalidade, a vida amorosa, as amizades e o comportamento profissional do consultante. Está tudo devidamente explicado em seu livro batizado com o ridículo título de *Números Quentes*, editado pela Best Seller.

Mas a numerologia não tem nada de ridícula. É séria e, segundo Pitágoras, o pai da matemática, cada letra do alfabeto tem seu número correspondente. Segundo esta linha de raciocínio, a letra A, na tabela alfabética, é o número 1, a B é o 2 e assim por diante. Parece simples, mas a letra Z equivale

ao número 8. Pronto. Por quê? Simplesmente porque a letra Z é a de número 26 e temos 2 mais 6 igual a 8.

A numeróloga Simpson pede que os cálculos sejam corretos e que não haja dúvidas sobre os dados que entraram no jogo. Ela pergunta: A pessoa foi adotada? Brasília, no caso, não foi e chega a ter, inclusive, uma extensa fila de pais, como o falecido presidente JK, os arquitetos Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, o também falecido engenheiro Bernardo Sayão, o saudoso calculista Joaquim Cardoso. Falta-lhe mãe, porém.

Pergunta ainda se Brasília foi achada em algum cantinho e se não tem certidão de nascimento. Sabemos que a cidade não foi encontrada em nenhum canto. Pelo contrário, foi bem no Centro do Brasil. Assim, feitas as somas, temos que o número do nome de Brasília é 8, o que significa que a cidade é "uma organizadora, que alcança sucesso e poder quando consegue controlar seu próprio destino". É de vir lágrimas aos olhos: Brasília jamais será dona de si mesma, se continuarmos nas mãos de oportunistas e tombadores. Sua personalidade é 6, o que faz dela amorosa, adaptável, amável, responsável e franca. Pelo lado do coração, o número é o simpático 2: ela coopera e agrada a todos e tem muita habilidade diplomática. E assim que se livra das intempéries.

Segundo Jean Simpson, Brasília é uma cidade temperamental, pois "acha difícil tomar decisões, quando os sentimentos estão envolvidos". E com-

pleta: "Tende a desprezar as regras e deixa que o coração dite as atitudes". De certa forma, é verdade, pois Brasília sempre foi uma cidade dada a arroubos, como à sua própria beleza física, o esplendor de seu pôr-do-sol, um certo deslumbramento de sua arquitetura e os recentes conflitos sociais. Tudo de grande ordem.

NÚMEROS DA CULTURA

Neste campo, temos dois nomes a serem estudados de perto se quisermos saber em que barco navegará a nossa sobressaltada vida cultural. Aqui, há ondas altas e marolas mansinhas, destas que, imperceptivelmente, acabam por provocar enjões fortíssimos.

O secretário de Cultura assina D'Alembert Jaccoud, mas seu nome completo é acrescido de um Jorge bem no meio. Seu número do nome é 3, sua personalidade é 7 e seu coração bate em forma de 5. Vamos lá: ele é um mestre das palavras, que cria muitos projetos, é reservado, equilibrado, analítico, perspicaz e confiável. A perspicácia de D'Alembert Jaccoud é, realmente, invejável. Aceitou o cargo de secretário da Cultura com franca indisposição pelo diretor da Fundação Cultural, o poeta Reynaldo Jardim, e conseguiu retirá-lo do posto. E em silêncio, devagarzinho. Ele gosta de viajar em altas velocidades, no entanto, é o que diz o número 5.

Mas Jean Simpson faz algumas ressalvas: "Ele aparenta ser um amigo da perfeição mas tem interesses tão variados que pode ficar um pouco perdido

nos detalhes". É um problema porque Brasília é carinhosa, generosa, mas gosta de ser amada com exclusividade. E a numeróloga acrescenta: "E evasivo". De fato, o secretário de Cultura não é amante de dar entrevistas e quando as concede, gosta de desconversar. Ou de dizer que não foi bem isto o que havia dito.

Vamos agora ao novo diretor da Fundação Cultural do Distrito Federal, maestro Marlos Nobre, que entrou em substituição a Reinaldo Jardim e foi peça decisiva no tombamento de Brasília. E, entende-se, está em harmonia com o secretário D'Alembert Jaccoud. Seu nome completo é Marlos Mesquita Nobre de Almeida, o que, além de mostrar que ele é bem brasileiro, de antiga família pernambucana, apresenta-o como número 3 (o mesmo que o secretário de Cultura), com a personalidade de coração 3.

Pelo número 9, fica que Marlos Nobre é visto como cortês, prestativo, caridoso e influente. Influente é mesmo. Se não fosse, o governador não o teria convocado para o Distrito Federal para usar seu poder nos corredores da Unesco e de maestro, de renome internacional. No coração, ele é otimista e criativo. Em vista da parafernália que é a vida cultural oficial desta cidade, é preciso uma boa dose de otimismo. Ou então é preciso viajar com frequência e esquecer o que acontece aqui. O maestro usa muito este expediente.

Portanto, o maestro Marlos Nobre nunca se atrapalha com as palavras e gosta desespera-

Detalhes e coincidências

BRASILIA

$2+9+1+1+9+3+9+1=35$. $3+5=8$

O número 8 é "aquele que alcança o poder e o sucesso quando consegue controlar seu próprio destino"

DALEMBERT JORGE JACCOUD

$4+1+3+5+4+2+5+9+2$ $1+6+9+7+5$ $1+1+3+3+6+3+4=84$. $8+4=12$. $1+2=3$

O número 3 é "um mestre das palavras, eternamente jovem, que cria muitos projetos"

MARLOS MESQUITA NOBRE DE ALMEIDA

$4+1+9+3+6+1$ $4+5+1+8+3+9+2+1$ $5+6+2+9+5$ $4+5$ $1+3+4+5+9+4+1=120$. $1+2+0=3$

Portanto, o caráter do diretor da FCDF é o mesmo do secretário de Cultura do DF

damente de ser visto e ouvido. Considera o aplauso inebriante. Tem alma cigana e adora viajar. O que pode ser comprovado pelo fato de que, assim que tomou posse, em novembro deste ano, embarcou, no dia seguinte, para a Europa, onde ficou um mês. Quando Brasília foi tombada, ele retornou à França para comemorar. Quando o reitor Cristóvam Buarque, da UnB, foi visitá-lo há uma semana, ele estava viajando.

ENFIM JUNTOS

Quando se forma um par de 3, como o secretário de Cultura D'Alembert Jaccoud e o diretor da FCDF, Marlos Nobre, o acontecimento é alvissareiro. Ambos gostam do flerte e se admiram. Se puderem ocupar jun-

tos o centro das atenções, tudo dará certo para a cultura brasileira. Mas se um for mais destacado que o outro, haverá uma pequena batalha. Segundo Jean Simpson um gosta de adoçar a vida do outro.

Defeito da dupla: a falta, absoluta de disciplina. É preciso que os dois estabeleçam um critério para pôr ordem na loucura. Na verdade, D'Alembert Jaccoud sempre soube disto pois já declarou algumas vezes que é preciso encontrar uma política cultural para a cidade, ou tudo cairá em balbúrdia. Foi por isto, talvez, que Reynaldo Jardim, calu, a propósito: ele era sinônimo de balbúrdia.

"Os dois poderão ficar sem saldo no banco e o gosto pelo lu-

xo poderá deixá-los à beira da falência". Considerando que estamos falando de dinheiro público e que não há muito para gastar, é preciso que a cidade fique alerta a cada vez que os dois fizerem projetos mirabolantes para a cultura brasileira. Finalmente, prevê-se para o ano de 1988, com o secretário e o diretor de mãos dadas, um futuro cor de rosa. Com bons contadores e excelentes assessores, estes atores ambulantes (onde um é exibido e o outro é controlado) continuarão indefinidamente juntos. Basta não esquecerem que Brasília existe e que é em nome dela que se uniram.

* Alexandre Ribondi é número 5, acredita na numerologia mas não recomenda o livro *Números Quentes* (Hot Numbers), de Jean Simpson.